ENEPEX
ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

DIFERENTES OLHARES PARA O TEXTO DE UM ALUNO: PRODUTO OU ACONTECIMENTO?

Patrícia Benites[1]; Edilaine Buin[2]

UFGD/FACALE–Caixa Postal 533, 79.804-970 –Dourados –MS, E-mail: patryciaalmeida2009@hotmail.com.
[1]Voluntária de Iniciação Científica da UFGD/ Fluxo contínuo da FACALE. [2]Orientadora, Professora FACALE.

RESUMO

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica, que investiga a relação entre proposta de produção de texto integrada a atividades de ficcionalização e a construção de sentidos nos textos produzidos por alunos do 7º ano do ensino básico. Trata-se de um primeiro olhar para um processo de ensino de escrita – observado por um semestre, de um sétimo ano de uma escola pública de Amambai-MS. Alia-se a um projeto mais amplo de pesquisa, *Escrita em situações de ensino e a construção dos sentidos,* que tem como um de seus objetos o acompanhamento de atividades de produção escrita que procura tomar o gênero como eixo do trabalho.

Sabemos que hoje parte dos alunos sai do Ensino Médio sem dominar os recursos que poderiam auxiliá-lo a expressar-se com proficiência por escrito, adequando a escrita a diferentes situações em que se fizer necessário. Isso pode ser confirmado, não só pelo depoimento de professores com os quais convivemos, como também pelos sistemas de avaliação do rendimento dos alunos, como os nacionais, ENEM e SAEB, e o internacional, PISA.

Percebemos que perpassa entre os profissionais da educação a ideia de texto como um produto acabado em si mesmo, o que, a nosso ver, é um dos pontos que interferem no modo negativo de avaliar as potencialidades dos alunos em relação à construção da escrita. Diferentemente, os estudos linguísticos (BACKTIN, 1992;

GERALDI, 1984; CORREA, 2007) propiciam outra perspectiva: o texto não é produto e sim processo. Faz parte de um diálogo, entre o que o antecede e com o que o sucede. Faz parte do fluxo da linguagem, que é dinâmica e constitutiva dos sujeitos. Embora muitos reduzam a linguagem apenas à sua função comunicativa, ela é algo que vai muito além disso: trata-se de uma propriedade mental, em constante processo de construção.

Esse modo de conceber a linguagem modifica o modo de enxergar o texto escrito do aluno, que passa a ser visto não mais como um "material pronto", mas como "um pontinho" de uma rede de relações maiores, uma cena congelada do fluxo da linguagem. E esse olhar tem consequências na forma como são conduzidas na escola as propostas de produção escrita dos alunos, sejam elas retiradas de livros didáticos ou elaboradas pelo corpo docente. Ou seja, entender o texto em uma rede complexa de relações modifica a própria relação entre os envolvidos com o ensino /aprendizagem de escrita.

Partindo desses pressupostos, nossa apresentação organiza-se em duas etapas: na primeira, apresentamos a dinâmica do trabalho com escola e a avaliação que a professora em serviço faz dos textos de seus alunos, tomando por base o caderno de um deles, onde estão registradas todas as atividades de Língua Portuguesa. A professora usa o material do aluno, ao qual chamaremos de L., para exemplificar o que ela considera uma "escrita ruim" – mostra vários textos, sem separar o que é cópia do que é produção do aluno.

Na segunda, analisamos a produção escrita desse mesmo aluno por ela apresentado, selecionando de seu caderno dados significativos, que dão sustentação à relevância do modo como concebemos a linguagem. A seleção priorizou a análise qualitativa dos dados e as singularidades evidenciadas. Percebemos com clareza que quando o aluno realiza cópias (e há um número significativo delas), não só de textos completos quanto de enunciados de exercícios, ele apresenta muitos erros de grafia que vão desde palavras incompletas, acentuações erradas até uma perceptível falta de cuidado com as linhas e margens do caderno, fatores que causam, algumas vezes, o comprometimento da compreensão do texto.

Ao apresentar o caso desse aluno, pretendemos chamar a atenção para um aspecto importante na aprendizagem: o olhar dos sujeitos envolvidos no processo de construção da escrita. Pode-se notar de um lado, uma escolha técnica de avaliação da

produção textual e de outro, uma negação imperceptível (aos olhos do professor) desses métodos, revelada pela escrita.

Quando nos foi relatada a “escrita ruim” do aluno L., imaginamos encontrar evidências que comprovassem as dificuldades que o levariam a ter tal escrita nos textos produzidos por ele e não nas cópias, que por seu caráter mecânico, espera-se que haja de fato, uma reprodução do que está pronto e minimamente passível de erros ortográficos ou que dificultem o a compreensão do texto. A inexistência de um alguém a quem se destine o texto, a inexistência de uma função social, avaliação baseada em aspectos formais como quantidade de linhas, organização de parágrafos, apresentação de coerência e coesão, consideradas primordiais tornam a prática da escrita mecânica.

De acordo com essa realidade, o L. encontra mais dificuldade ao copiar do que quando produz seu próprio texto. Por não envolver e não ser também considerada uma situação de aprendizagem pelo aluno, o tempo da aula dedicado à cópia de textos, atividades ou outros, pode significar um período maçante e isso o levaria a não voltar totalmente sua atenção para o que está fazendo, ocasionando os erros que podem comprometer além da compreensão das palavras, o sentido do texto.

Em contrapartida, percebemos uma grafia mais legível, nas poucas produções de texto, que não são cópias, mas construções de L. Detectamos vários erros ortográficos e ainda uma caligrafia longe de ser modelo a ser seguido. No entanto, paralelamente a isso, percebemos total conexão entre parágrafos e um cuidado maior com a pontuação, o que possibilita o leitor compartilhar os sentidos que ele quis produzir. Dois textos revelam que o aluno utiliza os recursos coesivos dos quais dispõe para apresentar problemas e se posicionar diante deles; que revela desejos do narrador, ligados a cenas do cotidiano.Nesse sentido, seu texto é acontecimento, pois há dizeres, há discurso, e não apenas produto de uma atividade mecanizada, como ocorre no caso da cópia.

Os dados parecem evidenciar que os traços mal feitos da cópia de Lucas são resultados do tédio que ele deve sentir em copiar, o que, para ele, não tem significado algum e, portanto, pode ser feito da forma que vimos, como se não merecesse a atenção dele. Percebe-se que o texto copiado é de tal modo artificial e vazio de significado para o aluno que ele passa a demonstrar isso através da escrita totalmente descomprometida com a grafia e o sentido. No entanto, quando produz seu próprio texto, Lucas o torna compreensível e carregado de sentido. Já não se trata mais de um exercício passivo e entediante, mas de um processo que necessitava de sua participação ativa. Participação essa obscura aos profissionais envolvidos.

Acreditamos que um passo importante para a melhora na qualidade dos textos produzidos na escola, pelo que nos indica o caso analisado, seria o professor se posicionar como leitor dos textos de seus alunos. Buscar no que pode ter aparência de produto, o processo; no que está congelado, a dinâmica, o acontecimento. Um olhar atento, investigativo, com o objetivo de intervir e colaborar para o desenvolvimento da escrita do aluno.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento**. Filologia e Lingüística Portuguesa, v. 9, p. 201-211, 2007.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, V. N. "**Os gêneros do discurso**". In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, PP. 275-326.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtensteinet al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GERALDI, W. (org) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 8ed. Cascavel – PR: ASSOESTE, 1984.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e histór**ia / Carlo Ginsburg: tradução: Frederico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras: 1989.